

## A DOR DO ABANDONO: UMA COMPARAÇÃO ENTRE “DIAS DE ABANDONO” DE ELENA FERRANTE E “A MULHER DESILUDIDA” DE SIMONE DE BEAUVOIR

Bruna Montes Werneck de Freitas (UFJF)<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse trabalho tem como objetivo delinear algumas primeiras aproximações e distanciamentos entre o romance **A mulher desiludida**, de Simone de Beauvoir e o romance **Dias de abandono**, de Elena Ferrante, buscando compreender os motivos pelos quais a narrativa de Beauvoir ainda reverbera na narrativa de Ferrante anos depois. No âmbito teórico, discutiremos questões relacionadas à crítica literária feminista e à condição da mulher em Beauvoir, Scott, Butler e Woolf. Sem predefinir um local de "feminino" ou "ser mulher", Ferrante e Beauvoir convidam os leitores a problematizarem questões ainda extremamente enraizadas em nossa sociedade patriarcal, revelando a forma literária dessas questões.

**Palavras-chave:** Autoria feminina; Crítica feminista; Literatura comparada.

Quando tomei conhecimento da existência de Elena Ferrante, o misterioso e presumido pseudônimo de uma autora italiana de sucesso internacional, logo busquei seus livros. Ao iniciar minha pesquisa pessoal sobre a autora, reparei que suas traduções brasileiras eram extremamente recentes, a partir dos anos 2010; e, por isso, eu começava a ver suas capas, disponíveis pelo selo Biblioteca Azul, da editora Globo, quando me engajava na busca de seus livros. Comecei a ler o primeiro volume de sua tetralogia napolitana<sup>2</sup>, sua obra mais famosa, o **A amiga genial** (2011). Sua escrita, recursos linguísticos e sagacidade me espantaram: eu nunca havia lido algo tão rápido em todos os meus anos de leitora. Logo mais, quando tomei conhecimento do livro **Dias de abandono** (2016)<sup>3</sup>, através da minha já orientadora de mestrado, resolvi que mudaria totalmente meu projeto de pesquisa.

Segui a leitura de **Dias de abandono**, que se desprende da tetralogia napolitana e é um romance independente, quando surgiu o interesse em inclui-lo em minha pesquisa. Essa vontade se intensificou ainda mais por volta da metade do livro, na página 103, quando a autora menciona dois livros: **A mulher desiludida** (2015)<sup>4</sup>, da

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras (UFJF), Mestranda em Estudos Literários (UFJF). Contato: brunamontes\_@hotmail.com.

<sup>2</sup> O termo *tetralogia napolitana* vem sendo utilizado nas discussões literárias acadêmicas, bem como na mídia, a respeito dos quatro livros que compõem a série de histórias, que possuem Nápoles como lócus, da autora italiana. São eles: **A amiga genial** (2011), **História do Novo Sobrenome** (2012), **História de Quem Foge e de Quem Fica** (2013) e **História da Menina Perdida** (2014)

<sup>3</sup> A primeira data de publicação de **Dias de abandono** é 2002. A edição usada nesta dissertação é de 2016.

<sup>4</sup> A primeira data de publicação de **A mulher desiludida** é 1968. A edição usada nesta dissertação é de 2015.

autora francesa Simone de Beauvoir, e **Anna Kariênina** (2017)<sup>5</sup>, do autor russo Liev Tolstói:

Fiquei impressionada com a desordem da minha escrivaninha. As gavetas estavam abertas, livros dispersos por todos os cantos. Até o caderno no qual fazia anotações para meu livro estava aberto. Folhiei as últimas páginas. Encontrei transcritos com a minha minúscula letra alguns trechos da *A mulher desiludida* e algumas linhas de *Anna Karenina*. Não me lembrava de tê-los feito. Sim, era um hábito meu transcrever trechos dos livros, mas não naquele caderno, eu tinha um só para isso. Seria possível que a memória estivesse se desfazendo? Não me lembro nem de ter sublinhado com força e com tinta vermelha as perguntas que Anna fazia a si mesma pouco antes de o trem colidir e derrubá-la: “Onde estou? O que faço? Por quê?”. Eram trechos que não me surpreendiam, me parecia conhecê-los bem, ainda assim não entendia o que faziam naquelas páginas. Conhecia-os tão bem exatamente porque transcrevi-os recentemente, ontem, anteontem? Mas então por que não me lembrava de tê-lo feito? Por que estavam neste e não no outro caderno? (FERRANTE, 2016, p. 103)

Nesse momento do enredo, a personagem principal, Olga, está revisando anotações antigas em sua escrivaninha. Minha curiosidade foi despertada, principalmente, a fim de descobrir de onde viria essa relação com Simone de Beauvoir, autora que contribuiu ativamente para a consolidação do que, hoje, podemos chamar de crítico-filosófica da relação entre o que seria o *mesmo* (o paradigma masculino) e o *outro* (o desvio feminino), principalmente no que diz respeito ao aspecto social a fim de lançar movimentos pela emancipação das mulheres.

Dessa forma, após a leitura de **A mulher desiludida**, pude entender, superficialmente, as semelhanças entre os enredos, tais como: a) as duas personagens principais e mulheres, Olga (**Dias de abandono**) e Monique (**A mulher desiludida**), são traídas por seus respectivos maridos e o leitor é informado sobre isso logo na abertura de ambas as narrativas; b) ambas as narrativas são em primeira pessoa do singular, com narradoras-personagens (segundo Gérard Genette (1979), em **Discurso da Narrativa**, há a presença de um narrador *autodiegético*, ou seja, narradoras que contam suas experiências como personagens centrais de sua própria história); c) as duas personagens principais possuem dois filhos: Olga tem um menino e uma menina, os dois são crianças; Monique tem duas filhas que já são moças; d) as duas personagens

---

<sup>5</sup> A primeira data de publicação de **Anna Kariênina** é 1877. A edição citada nesta dissertação é de 2017.

refletem sobre suas identidades antes e após serem esposas, sendo o casamento, o adultério, a maternidade e a reflexão sobre si mesmas temas-chave nas narrativas.

Seria possível citar outras aproximações e distanciamentos aqui; e é justamente por esta razão que surgiu o interesse em entender e pesquisar sobre a possível relação literária entre as duas obras, sendo minha questão de pesquisa buscar a compreensão a respeito da menção a este livro dentro do enredo do romance de Ferrante e os motivos pelos quais a narrativa de Beauvoir, de 1968, ainda reverbera na narrativa de Ferrante, de 2002. Escolhi trabalhar com o livro de Beauvoir por conta de sua extensão menor, visto que esta proposta se dá para uma dissertação de mestrado e o livro de Tolstói é deveras longo para o tempo estimado para a conclusão desta pesquisa.

Além das questões relacionadas ao feminino de modo geral, buscarei entender como a libertação feminina de ambas as personagens se desdobra a partir de suas experiências singulares após a traição pelos parceiros, sendo esse o ponto crucial para minha pesquisa. Como seria possível, até os dias de hoje, uma narrativa de 1968 e outra de 2002, serem contemporâneas e continuarem a moldar o modo como são vistas as *mulheres traídas* na literatura de autoria feminina? Por que as autoras mulheres ainda mantêm esse tema em suas obras? O quão diferente é essa representação em ambas as narrativas? As narrativas de fato subvertem os papéis tradicionalmente delimitados às figuras femininas na literatura? Essa subversão reflete essa condição feminina em um viés social e/ou discursivo de modo geral?

Ciente da complexidade que ronda o termo *literatura comparada* é preciso ressaltar que a utilizarei como ferramenta, isto é, “uma nova forma de investigação literária que confronta duas ou mais literaturas” (CARVALHAL, 2006, p. 6), não obedecendo a somente uma orientação, mas considerando a validade de uma comparação literária que “determina a definitiva vinculação dos estudos literários com a perspectiva histórica” (p. 13) e demais aspectos sociais e discursivos. Pretendo pensar o termo *comparar* em seus vários sentidos dentro dos estudos literários comparados para analisar os dois livros que apresentam histórias de mulheres em épocas distintas, com vidas distintas e famílias distintas que, em certo momento de suas vidas, veem-se diante de uma traição e, a partir disso, questionam-se sobre valores atribuídos ao gênero feminino, principalmente no que diz respeito à cessão aos apelos sociais como, por exemplo, a não exigência da fidelidade masculina.

Discutirei questões pertinentes à crítica feminista, na pressuposição de que também a autoria de **Dias de abandono** pode ser atribuída a uma mulher, bem como a abertura para os estudos de gênero, visto que a autora, que se revela apenas e exclusivamente no texto, por si só já suscita questões relacionadas a uma *escrita feminina*<sup>6</sup> e seus possíveis desdobramentos, visto que imagem e biografia de Ferrante são duas coisas ininteligíveis atualmente, dado o caráter sigiloso de sua produção desde o início dos anos 90, cuja articulação mais detalhada do que se sabe sobre sua vida será feita em um dos capítulos da dissertação.

Sendo assim, o texto será a maior base de análise – tanto as ficções quanto toda a fortuna crítica de ambas as autoras (em Beauvoir com o apoio de sua obra ensaística e em Ferrante através de respostas de entrevistas que realizou por carta ou email, reunidas no livro **Frantumaglia** (2017), bem como sua recente contribuição com colunas semanais para o jornal *The Guardian*<sup>7</sup>), propondo uma discussão sobre identidade, materialidade e subversão dos mitos que cercam as questões do feminino e a literatura de autoria feminina.

Sem predefinir um local de "feminino" ou "ser mulher", Ferrante e Beauvoir convidam os leitores a problematizarem questões ainda extremamente enraizadas em nossa sociedade patriarcal e, subvertendo o *script* recorrente das representações do feminino na literatura, levam o leitor a repensar, através de suas narrativas, o surgimento de novas identidades femininas contemporâneas a partir de discussões sobre sexo, gênero e feminismos, tecendo possíveis formas literárias que sistematizem essas questões.

Como objetivo geral, proponho analisar romance **Dias de abandono** de Elena Ferrante e da terceira parte do livro **A mulher desiludida** de Simone de Beauvoir, que apresenta título homônimo, através da literatura comparada a fim de caminhar por diversos territórios do pensamento humano e colaborando para “o entendimento do Outro” (CARVALHAL, 2006, p. 8). À luz da crítica literária feminista, pretendo comprovar a hipótese da manutenção dos questionamentos sobre a traição e suas consequências, tomadas a partir do ponto de vista feminino na literatura de autoria

---

<sup>6</sup> No desenvolver deste trabalho, discutirei a respeito das contribuições de Ann Rosalind Jones, Hélène Cixous, Joyce Carol Oates, Luce Irigaray e Mary Eagleton sobre essa definição.

<sup>7</sup> Coluna de Elena Ferrante no jornal britânico *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/profile/elena-ferrante>. Acesso em setembro de 2018.

feminina. Ao analisar comparativamente as personagens Olga e Monique diante da situação de traição e abandono, pretendo refletir a respeito do estereótipo da “mulher traída” na literatura e questões como maternidade, casamento, sexualidade, independência financeira e superação da dor, representadas no texto literário.

### **As representações de Olga e Monique: uma análise literária feminista**

Partirei do pressuposto de que toda leitura é parcial e política. Nesse sentido, busco a colocação de Toril Moi (2002), quando afirma que “todos falam a partir de uma posição conformada por fatores culturais, políticos, sociais e pessoais” (MOI, 2002, p. 55). A análise aqui proposta se dá, principalmente, numa leitura feminista dos textos literários. Isto é, os aspectos biológicos, linguísticos, psicanalíticos e culturais, dentro da abordagem da crítica literária feminista, norteiam-se a partir das perspectivas de gênero, raça e classe, sendo gênero meu principal instrumental analítico norteador.

Segundo a filósofa pós-estruturalista estadunidense Judith Butler (2015), “os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura” (BUTLER, 2015, p. 30). Entretanto, isso não quer dizer que toda *performance* de gênero – termo também usado por Butler – seja possível e “facultada”, mas sim que “as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada” (p. 30). Por isso, é de meu interesse discutir a perspectiva linguística e discursiva da escrita feminina na comparação entre os textos citados anteriormente.

Em **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade** (2018), Butler questiona a forma como algumas correntes feministas assumem que exista uma mulher *universal*. Nesse livro, a filósofa busca apontar a maneira como enxergamos e damos sentido tanto ao sexo quanto ao gênero. A pauta de gênero pretende, portanto, chamar a atenção para a possibilidade de relacionar o masculino e o feminino para além do aspecto biológico, abarcando categorias como classe e cultura, por exemplo. Nos romances a serem analisados, será possível perceber que essa mulher *universal* é um paradigma, uma norma; e também um dos motivos pelos quais o sofrimento das personagens é intensificado durante a narrativa.

Nesse sentido, dentro de uma perspectiva mais pós-estruturalista e com influências de Derrida e Foucault, um pouco antes das contribuições de Butler e mais ao fim da década de 80, Joan Scott nos atenta para o perigo da dicotomia homem/mulher,

masculino/feminino e, em seu ensaio **Gender: A Useful Category of Historical Analysis**, publicado originalmente em 1986, afirma que “o gênero é um campo primário no qual, no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (p. 86). Sendo assim, Scott centraliza sua análise na linguagem e nos símbolos que, historicamente, perpassam esses binômios, “redefinindo” e “reestruturando” (p. 93) o conceito que, basicamente, se vincula a questões mais amplas, como raça, classe e poder. Pretendo analisar, principalmente, as representações do feminino no texto literário, abrindo espaço para possíveis articulações com as representações do masculino, levando em conta os aspectos interseccionais, visto que as feminilidades, bem como as masculinidades, são social e discursivamente construídas.

Por fim, cabe ressaltar a contribuição de Saffioti (2004) que, buscando integrar as contribuições de Rubin (1975) e Scott (1986), redireciona a discussão para uma nova dicotomia: gênero e patriarcado. Em sua obra **Gênero, patriarcado, violência**, de 2004, a autora afirma que “o patriarcado é um caso específico de relações de gênero” (p. 119), sendo a definição de “gênero” muito mais “vasta”. Para ela, “não se trata de abolir o uso do conceito de gênero, mas de eliminar sua utilização exclusiva” (p. 138), pois “gênero é um conceito por demais palatável, porque é excessivamente geral, a-histórico, apolítico e pretensamente neutro” (p. 139).

Partindo para um dos textos de análise, ressalto que Elena Ferrante é um pseudônimo de uma escritora italiana que escreve desde os anos 1990. Para além das teorias conspiratórias a respeito de sua verdadeira identidade, acredita-se que ela tenha nascido na região de Nápoles, pois a descrição dessa área em seus livros é bastante recorrente. Ferrante só dá entrevistas por e-mail e seu rosto nunca foi visto. Frequentemente, repete o argumento de que sua identidade não é determinante, pois tudo que precisam saber é o que ela escreve, e não quem ela é.

É interessante lembrar, levando em conta esse aspecto da biografia de Ferrante, que no texto **A morte do autor**, Roland Barthes (2004) afirma um princípio de desconstrução das noções de “intencionalidade autoral” e “estilo individual”. No texto, Barthes afirma que o autor está morto porque ele mesmo não é mais uma parte da estrutura profunda de um texto específico. O autor, para ele, não “cria” significado no texto, uma vez que não se pode explicar um texto somente por saber quem o escreveu. É

a velha questão do “o que o autor quis dizer” que nos assombra em certos momentos de análise. Será que é realmente necessário saber sua vida para ler seu texto?

Em contrapartida, a história biográfica da segunda autora de quem iremos tratar é bastante conhecida: Simone de Beauvoir, autora e filósofa francesa. Em seu famoso ensaio em dois volumes, intitulado **O segundo sexo**, Beauvoir (2016) inicia a primeira parte do capítulo I com sua famosa máxima: “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 2016, p. 9). Ela afirma que “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade”, sendo “o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (p. 9).

Beauvoir (2016) teoriza que é o corpo a “irradiação de subjetividade”, que primeiro faz com que meninos e meninas compreendam o mundo como, por exemplo: a sucção do seio, as funções excretórias, a agressividade com que a criança beija e apalpa a mãe. Até os doze anos, ela afirma, “a menina é tão robusta quanto os irmãos e manifesta as mesmas capacidades intelectuais” (p. 10). Sendo assim, é através da intervenção de outras pessoas na vida da criança que desde os primeiros anos a “vocação” das meninas lhes é “insuflada”.

Para a personagem Olga, em **Dias de abandono**, essa afirmação de Beauvoir se confirma quando sua filha Ilaria diz à mãe que o irmão, Gianni, vomitou em sua cama. A personagem reflete a respeito dos papéis atribuídos às mulheres e sua condição que se repete com o passar das gerações. A questão do tempo é, também, motivo de reflexão. Ao olhar para a filha, ela narra:

Imaginei-a velha, os traços deformados, próxima à morte ou já morta, e ainda assim, um pedaço de mim, a aparição da menina que fui, que teria sido, por que aquele “teria sido”? Vi imagens rápidas e apagadas na minha cabeça, frases inteiras pronunciadas rapidamente, um sussurro. Me dei conta de que não vinham corretamente os tempos verbais, culpa daquele despertar desordenado. O tempo é um respiro, pensei, hoje sou eu, daqui a pouco minha filha, tinha acontecido com a minha mãe, com todas as minhas antepassadas, talvez ainda acontecesse a elas — a elas e a mim, simultaneamente, acontecerá. (FERRANTE, 2016, p. 85-86)

Esse exemplo ilustra bem o modo como pretendo relacionar o corpus literário e os textos teóricos para análise. Para Rogel Samuel (2011), “o propósito da crítica

literária feminista anglo-americana e de toda a investigação feminista é o de expor os mecanismos que mantêm a sociedade patriarcal, com o objetivo de transformar as relações sociais” (p. 184). Logo, seu objetivo é “fundamentalmente político” (p. 185). O autor ainda nos atenta para o fato de que não há uma definição única para o feminismo e que a melhor forma de compreendê-lo é “indicar todos os pontos contra os quais ele luta nas suas práticas transformacionais, críticas e políticas” (p. 184). Interessa-me, em Ferrante e Beauvoir, investigar os seguintes problemas críticos, selecionados do texto supracitado (SAMUEL, 2011): a crítica das representações da mulher na literatura; a questão sobre uma especificidade de uma linguagem feminista; o debate da construção de gênero; a subversão da linguagem patriarcal e a possibilidade de uma epistemologia feminista.

Voltando ao ensaio, Beauvoir também discute a questão do falo e sua presença ou ausência. Ela afirma que, separado do corpo, o pênis “presta-se muito bem como um pequeno brinquedo natural” (BEAUVOIR, 2016, p. 13), comparando-o como a uma espécie de boneca. Para ela, a descoberta do pênis é tida como um privilégio do qual o menino supõe certo sentimento de superioridade. Após isso, o menino terá a possibilidade de “transcender”, através de seu sexo, sua soberania.

A personagem Olga também reflete a respeito dessa condição quando somos apresentados ao seu vizinho Carrano, homem com o qual ela desenvolverá um tipo de relação afetiva no decorrer da narrativa. Nesse momento, ela tenta gritar o nome dele para dizer que ele havia deixado seu documento de identidade cair no chão. A partir desse fato, há um fluxo de consciência da personagem:

Mas sempre tive uma voz baixa, não sei gritar, as palavras caem por perto de mim como pedrinhas jogadas pela mão de uma criança. Queria dizer a ele que o seu documento estava comigo, mas ele nem se virou. Então fiquei em silêncio a olhá-lo lá do quinto andar, magro, mas com os ombros grandes, os cabelos grisalhos e volumosos. Eu sentia crescer dentro de mim algo como uma hostilidade em relação a ele, quanto mais ferrenha mais irracional. Quem sabe quais segredos de homem sozinho ele tinha, talvez a obsessão masculina pelo sexo, o culto do pinto, até idade avançada. Ele também com certeza não conseguia ver nada além do que o seu miserável esguicho de porra, estava feliz somente quando podia ver que ainda ficava duro, como as folhas morrentes de uma planta queimada que recebe um pouco de água. (FERRANTE, 2016, p. 46-47)

Ao fazer essa comparação, Olga nos remete a Beauvoir, que afirma que a “sorte” da menina, entretanto, é diferente, pois ela não “tem” sexo, sendo seu corpo “uma plenitude para ela” (p. 13). Sua maneira de se achar no mundo difere da maneira dos meninos e “um conjunto de fatores pode transformar a seus olhos a diferença em inferioridade” (p. 14). No entanto, Beauvoir discorda de que a mulher “inveja” o pênis: ao contrário disso, sua vontade é de apossar-se dele como se fosse um objeto qualquer, mas “esse desejo pode permanecer superficial” (p. 15). Assim, “quanto mais a criança cresce, mais o universo se amplia e mais a superioridade masculina se afirma” (p. 28).

Em seu ensaio **Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault**, Judith Butler cita Julia Kristeva e seu artigo intitulado **As mulheres Jamais Poderão Ser Definidas**, no qual a autora observa que “a crença de que ‘alguém é uma mulher’ é quase tão absurda e obscurantista como a crença de que ‘alguém é um homem’” (p. 153), postulando que devemos usar “ser mulher” e, apesar desse modo de “ser” mulher ser povoado pela imposição redutora de uma nomenclatura e pela “experiência de mulheres”, entender a mulher como “existindo” na ordem metafísica do “ser” não é “compreendê-la como aquilo que já está feito, idêntica a si mesma, estática, mas concebê-la na ordem metafísica do ‘tornar-se’” (p. 153) e criar uma possibilidade em sua própria experiência, além de uma possibilidade em “jamais se tornar uma ‘mulher’ substantiva, idêntica a si mesma” (p. 153).

Em contrapartida, no conto **A mulher desiludida**, de Beauvoir, somos apresentados à personagem Monique que, em seu diário, relata o que passa após a descoberta da traição de seu marido, mas, ao contrário de Olga (que rompe com Mario logo de início), ela tenta, inicialmente, manter o relacionamento com Maurice, apesar da traição. Monique é inicialmente incentivada por duas amigas quando precisa tomar essa decisão. Ela opta por deixar o marido vivenciar essa aventura, pois acredita que ele esteja apenas enxergando aquela relação como algo que não é sério e, eventualmente, ele se cansará de Noëllie, sua amante, e voltará a ficar somente com ela. Antes de descobrir a traição, Monique prevê, no atual cenário de seu relacionamento e diante do distanciamento de seu marido, o que poderia acontecer:

Depois de vinte, 22 anos de casamento, relega-se tudo ao silêncio e isso é perigoso. Penso que me ocupei demais com as meninas ao longo dos últimos anos. Collete era tão apegada e Lucienne era tão

difícil! Maurice podia desejar que eu estivesse mais disponível. Ele deveria ter-me feito compreender em vez de se atirar a um trabalho que o afasta de mim. É preciso que nos expliquemos. (BEAUVOIR, 2015, p. 88)

Esse excerto já expõe os papéis de gênero, socialmente construídos, os quais são previstos tanto para a mulher e quanto para o homem: o homem que trabalha o dia todo sem tempo para a família e a mulher que se desdobra para cuidar das filhas e, ainda assim, questiona seu papel como esposa. Mais tarde na narrativa, Monique assume para si que tudo que deu “errado” em seu relacionamento seria de alguma forma sua “culpa”. Maurice só revela seu caso com Noëllie quando é confrontado pela esposa. Após saber de parte da situação, a personagem principal se questiona:

Creio até que, com a velha falta de lógica masculina, me reprove pelos remorsos que sente a meu respeito. Seria necessário, então, ser mais compreensiva, mais indiferente, mais sorridente? Ah! Eu não sei mais. Nunca hesitei tanto quanto à conduta a tomar. Talvez, a propósito de Lucienne... Mas nesses momentos eu pedia conselhos a Maurice. E o mais desconcertante é a minha solidão diante dele. (BEAUVOIR, 2015, p. 101)

Mobilizando e articulando os conceitos aqui expostos a priori, espero apontar meios para compreender de que forma as obras de Ferrante e Beauvoir, aproximadas, levam em conta essas e outras conexões com as dicotomias sexo/gênero, feminino/masculino e gênero/patriarcado. Dessa forma, discutirei as representações das personagens femininas, bem como temáticas de sexualidade e corpo, a fim de expor as possíveis arestas nessa análise. É importante, também, adequar nossa análise de forma que se inclua historicamente, politicamente e socialmente em seu tempo, isto é, na época da escrita dos livros que serão utilizados como corpus analítico. Para Butler (1987), é preciso “refletir a possibilidade de subverter e deslocar as noções naturalizadas e reificadas do gênero que dão suporte à hegemonia masculina e ao poder heterossexista” (p. 70), pois somente assim entenderemos a pluralidade do que a escrita feminina nos permite investigar em seus debates.

## Referências

BARTHES, Roland. A morte do autor. Tradução de Mário Laranjeira. Em: **O Rumor da língua**. SP: Brasiliense, 1984, p. 65-70.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida, volume 2. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

\_\_\_\_\_. **A mulher desiludida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault. In: BENHABIB, Seyla; CORNELL, Drucilla (Coord.). **Feminismo como crítica da modernidade**: releitura dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher. Trad. Nathanael da Costa Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987, p. 139-154.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero** – feminismo e subversão de identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura comparada**. São Paulo: Ática, 2006.

FERRANTE, Elena. **Dias de abandono**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

\_\_\_\_\_. **A amiga genial**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2011.

\_\_\_\_\_. **Frantumaglia** – Os caminhos de uma escritora. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. São Paulo: Editora Arcádia, 1979.

MOI, Toril. **Sexual/textual politics**: feminist literary theory. London, New York: Routledge, 2002, p. 21-40.

NYE, Andrea. Uma linguagem da mulher: discriminação léxica. In: \_\_\_\_\_. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Record, Rosa dos Ventos, 1995, p. 204-266.

SCOTT, J. W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. In: **The American Historical Review**, vol. 91, nº 5. 1986, sem página. 1995. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1864376>. Acesso em: set. 2016.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org. e introdução). **Tendências e impasses – O feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2017.